

604 - Profilaxia do crime
332.24 - Egressos

HIGIENE MENTAL E EGRESSOS DOS PRESÍDIOS (*)

FLAMÍNIO FAVERO,
Catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Sou muito grato ao caro amigo e colega Prof. Fernando de Oliveira Bastos, ilustre presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, pela gentileza do convite com que me distinguiu.

Vindo tomar parte nos trabalhos de reinstalação desta Liga e com a incumbência honrosa de proferir a palestra inaugural, mais do que tudo me move o propósito de aplaudir os dedicados companheiros que se propuseram a levar avante as atividades desta associação, útil e necessária, sobretudo nos tempos que correm. A minha contribuição será mínima, por certo. Mas, ainda que se limite apenas a alguns aplausos, sinceros e entusiastas como os trago, não deixa de ter préstimos e oportunidade.

Receba-os, pois, o preclaro presidente e, com êle, seus dignos companheiros de jornada.

Ofereço-lhos com as minhas saudações cordiais e os votos para que a Liga Paulista de Higiene Mental tome corpo e impulso e vida, e de tal sorte que nada mais a detenha na missão que lhe cabe realizar em prol do potencial psíquico da nossa gente, riqueza de valor incontestável ameaçada de ruir pelo entrecchoque das forças adversas que a sacodem.

Foi bastante feliz o Prof. Fernando de Oliveira Bastos, em recente entrevista na "Fôlha da Noite", dada a propósito desta Liga, ao traçar a importância da Higiene Mental. As palavras com que rematou seus conceitos merecem repetidas e meditadas sempre. Foram as seguintes: "A Higiene Mental, que visa combater as causas das psicopatias, manter a harmonia psicossomática, melhorar as condições do homem no seu ambiente e estabelecer perfeita coordenação entre as diversas faculdades que integram o psiquismo — só ela pode apontar os remédios contra

(*) Conferência do Prof. Flaminio Fávero, na sessão de instalação da Liga Paulista de Higiene Mental, em 19 de setembro de 1951.

todos aquêles males e só ela pode denunciar a cada um os seus mais temíveis inimigos, representados pelos inúmeros fatores capazes de comprometer o homem nas suas mais nobres e mais elevadas funções: as funções psíquicas”.

E seguindo êsse roteiro, por tôda a parte já se faz intensa e renhida a luta que busca ferir fundo as causas dos multiformes transtornos mentais, encontradas, por certo, na fraqueza e no desarranjo do biótipo, e na impropriedade e hostilidade do sítio onde vive o indivíduo. E' sempre a constituição e o meio, imperativos irrecorríveis a dirigirem a nossa conduta, lícita ou ilícita, a nossa saúde somática ou psíquica. Não há como fugir. Mas, há muito como atenuar-lhes os inconvenientes e as arestas, robustecendo e melhorando a personalidade para a resistência, removendo nocividades mesológicas. E' o que pretende, em resumo, a Higiene Mental. E' o que faz. E' o que tem feito. Sob a égide auspiciosa dêsse propósito, vai retomar seu caminho a nossa Liga, e terá, sem dúvida alguma, rica messe nos celeiros da benevolência que há de conquistar.

Muitas vêzes, os desajustamentos daninhos, evidentes, não são percebidos em tempo e em condições adequadas. A Higiene Mental os aponta e oferece o jato luminoso que os vai revelar, como o raio de sol que penetra num quarto escuro e faz dançar em refulgente rodopio a poeira até então despercebida.

E' conhecida a história de Clifford Wittingham Beers, ex-doente mental a quem tanto deve o progresso da nova ciência, máxime depois de publicada sua obra “Uma mente que se encontrou a si mesma”. E' o propósito da Higiene Mental: oferecer subsídios para que os indivíduos se situem na realidade de si mesmos, e obtenham ou mantenham a plena higidez, afastando tudo o que sejam solicitações mórbidas para o espírito.

Mas, o meu tema é limitado. Não me compete seguir tôda a estrada dos conceitos gerais e sim um setor apenas dos que a integram.

Na coletividade há elementos que a compõem estigmatizados tristemente por uma chancela de repulsa. Carregam, pois, consigo, o fardo imenso das causas adversas responsáveis pelos danos da mente comuns aos demais no mesmo meio e, ainda, o peso de uma condição quase irremovível que um passo errado ensejou. Refiro-me aos egressos dos presídios. Sofrem e fazem sofrer. Enfrentam a desconfiança justificada do ambiente, e, reagindo contra ela, fazem crescer o temor e a má vontade circunstantes.

Não acuso nem defendo. Registro uma situação de fato, para apontar-lhe algumas causas e lembrar possíveis remédios. Como me cinjo à esfera dos fins desta Liga, é oportuno o tema.

Nos presídios, a higiene mental auxilia a manter em boa saúde psíquica o recluso, pelo trabalho, pelo exercício físico, pela recreação sadia, pela vida social abundante, pela alimentação adequada, pela visita da família, pela assistência médica, moral e religiosa, pela instrução geral, pela cultura artística, etc. E também, vigia o predisposto a transtornos psíquicos com o propósito de livrá-lo da irrupção de males que o possam tomar.

Entretanto, por mais modernizado que seja um regime penitenciário — o da “prisão sem grades” e o da “prisão sem prisão” — existe sempre certo artificialismo que não permite equipará-lo à realidade da vida livre. Aliás, é razoável e necessário que assim seja, atendendo para o escopo geral da pena, com reflexo indispensável na opinião pública abalada pela gravidade de certos delitos, e na apreciação dos criminosos em potencial que seriam solicitados à delinqüência se os reformatórios fôsem simples colônias de férias.

E' tipo, na orientação humana que os presídios devem seguir para o desempenho da finalidade que lhes compete na recuperação dos fora da lei, a nossa Penitenciária do Carandiru. Eu disse — é tipo, contrariando o modo de sentir dos que têm o mau vêzo de criticá-la, apenas, sem apontar nela qualquer vantagem das tantas que a enriquecem. Foi construída há muitos anos, não nego, instalada por êsse paulista ilustre que se chama Franklin Piza, dotado de uma agudeza de observação e de um espírito de serviço que bastante o enobrecem. Mas, ainda preenche suas finalidades, adaptada, como tem sido, às exigências da moderna ciência carcerária (que o trato adequado e útil dos encarcerados é bem uma ciência e das mais difíceis), desde que se considerem os estabelecimentos, onde se abrigam como verdadeiros nosocômios. Nessa gradual acomodação do velho reformatório, que hoje é dirigida pelo Dr. Sebastião Carneiro da Silva, mais do que as paredes e as grades que fazem o ambiente, avulta o regime de ação e os homens que o movimentam. Para a terapêutica dos males somatopsíquicos que nos atingem, se são dignos de elogios, não são indispensáveis os prédios suntuosos. Imprescindível se torna a aparelhagem e, ainda, os técnicos com experiência e sabedoria e dedicação para o trabalho requerido.

E então vemos nas casas onde se manipula a reforma do caráter dos que o mostraram fraco e incapaz, a importância dos anexos biotipológicos que traçam, orientam, acompanham e fis-

calizam a melhor norma reeducacional, no trato constante com os reclusos. Sem êsses anexos, a execução da pena, no seu propósito de individualização, seria precária. E a nossa Penitenciária, ainda modelar por vários títulos, possui um dêsses anexos, preenchendo a contento sua espinhosa tarefa, sob a direção do Dr. João Carlos da Silva Teles. E segue, para agir, os rumos que a higiene mental dita, em última análise, considerando o individuo no meio onde faz o seu *habitat*: antes do delito, no delito, no reformatório e na sociedade que o espera plasmado de novo para ela.

Entretanto, há um aspecto que devo pôr em relêvo ao lembrar que a conduta do individuo ajustado ou não ao meio é função meso-biológica em interdependência. E êsse aspecto foi até desenvolvido como tema principal do 6.º Congresso de Higiene Mental realizado em junho de 1939, em Lugano, na Suíça. Tem importância real, na ordem psico-higiênica, o estudo das "bases biológicas e psicológicas da compreensão mútua" (apud Mira y Lopes). E' fácil num presídio seguirem êsse fio de Ariadne os obreiros encarregados de adaptar a progressão do recluso para a vida livre. Sê-lo-á também nesta? Não, por certo. Daí, o papel precípua da higiene mental em cuja atmosfera abundante devem ser postos os egressos dos presídios, mantida essa atmosfera de verdadeira convalescença quer para os ex-reclusos, quer, ainda, para os que precisam rodeá-los na vida quotidiana. E', nessa atmosfera, a compreensão mútua o oxigênio de real tolerância recíproca, onde, em regra, estua apenas, de parte a parte, antipatia ou, por vêzes, desprêzo. Ao menos fôsse antes uma completa indiferença e seria menos daninha, embora eivada de males. A higiene mental cabe propugnar uma simpatia tolerante para com os egressos, uma vez que êstes ainda estão se ambientando para a necessária reciprocidade que a seu tempo chegará. E essa simpatia é psicopedagogia na expressão usada por Miray Lopez. E é vital para o amparo dos novos elementos que o agregado incorpora.

Porque, postos em liberdade, seja qual fôr a forma, os egressos dos cárceres sofrerão um embate mais ou menos intenso com a nova vida que virão viver aqui fora. Se forem mentalmente fortes e estiverem robustecidos em seu caráter, com algum amparo desde logo equilibrarão suas condições de atividade social e triunfarão. Mas, e se não tiverem logo resistência adequada? Poderão fracassar e delinqüirão de novo. Ir-se-á, destarte, em pura perda, todo o esforço despendido em tantos anos de tratamento. Esfôrço dos egressos para se reabilitarem e da sociedade para reajustá-los. Esfôrço e dinheiro desta. E as somas são vultosas, podeis crer.

Eu tenho, em meu arquivo, dois casos que me ofereceram fortes lições a respeito, exaltando o papel da Higiene Mental, através de Patronatos e de Serviços Sociais de Egressos. Comecei a estudá-los quando diretor geral do Dep. de Presídios e continuei a considerá-los e acompanhá-los mesmo depois.

Um era conhecido criminoso, que adquiriu notável evidência pela natureza do delito: assassinou a espôsa e espostejou-lhe o corpo para fazê-lo desaparecer no interior de uma mala. No reformatório, teve conduta exemplar, bem adaptado ao trabalho e à disciplina geral. Por isso, a pena máxima lhe foi comutada para 21 anos e, mais tarde, conseguiu a liberdade vigiada. Espírito simples e sugestionável, o que certos pormenores do crime atestam, ficou desnordeado e aturdido ao transformar-se em egresso. O oxigênio da vida livre o embriagou e, desajudado de proteção moral, para conduzi-lo no caminho pedregoso por onde seguiria, foi assediado por maus elementos que o iam arrastando por fatal despenhadeiro. Seria inevitável sua volta ao presídio pela quebra dos compromissos assumidos ao entrar em gôzo da liberdade condicional. Vi o mal, formulei êsse prognóstico que seria confirmado e, assim, talvez arbitrariamente, deixei-o uns dias em repouso e a sós numa cela do próprio Hospital do Reformatório. Livrei-o da teia sedutora que maldosamente o cercou, ministrei-lhe boa dose de exortações e conselhos psicoterápicos e transferei-o para a secção agrícola da Penitenciária de Taubaté, para, em meia vigilância, trabalhar ao amparo de olhos compreensivos. E assim foi reagindo e triunfando à ação agressiva do meio e completando o ajustamento social. Êste foi pleno. Cumprido o último período da pena, integrado de vez na vida livre, fixou residência na própria cidade de Taubaté e lá se casou com uma corajosa mulher que não mostrou temer a reincidência específica do marido. E êste é feliz, como o atestam as cartas que me escreve.

O outro caso teve desfecho diferente, mas é sugestivo também. Portador de uma personalidade psicopática, foi de um sensacionalismo estridente quando delinqüiu. Perigoso e temível — eu distingo os conceitos, como são diversas a causa e o efeito — perigoso e temível, antes mesmo de ser condenado, foi pôsto em cela especial da Penitenciária, fato virgem em nossos anais carcerários. Especial foi a cela, adrede preparada para suportar-lhe os embates agressivos, e especial o regime, de rigor absoluto, para pear-lhe os ímpetos, indomáveis de outra forma. E assim ficou cêrca de 17 anos numa dura exceção de trato. Isso lhe exaltava a agrestia de conduta, inteiramente desajustada ao próprio meio carcerário onde precisava ser mantido. Mas, o desabusado de ações gerava rigor maior. E o círculo vicioso, interminável, era

pesadelo geral no reformatório. Sentia-se o infeliz irritado ao extremo por ser excluído do regime comum. Era sempre apontado como o criminoso de maior temibilidade no meio. Indomável, era o exemplo de uma raridade na fauna criminosa. Que era esse trato se não oferecer achegas prejudiciais para que aquela personalidade, injustável, crescesse em transtornos mais e mais irremovíveis? Isso contrariava, por certo, as regras da psicohigiene.

Um dia, resolvi, num arroubo de coragem, malsinado por alguns e elogiado por muitos, quebrar o círculo vicioso das ações e reações que envolviam o recluso, e dar-lhe trato igual aos outros sentenciados. Tirei-o da exceção e pu-lo na companhia dos outros, com recreio ao ar livre e trabalho adequado. Demoli o pedestal terrível em que vivia e fi-lo descer ao terra à terra igualitário dos demais. Naturalmente, sob vigilância discreta. Paz armada. Confiando desconfiando.

Foi a conta. As arestas se embotaram e com o círculo vicioso se quebrou o encanto. De tal sorte se ajeitou à nova vida, por indústria ou por compreensão efetiva, que teve comutada a pena e até foi pôsto em liberdade condicional, com espanto unânime, até meu...

Mas, não pôde manter-se aqui fora. Não por sua culpa, quero crer, e sim por falhas na simpatia do meio, que timorava em cosiderá-lo sempre como o homem de exceção, talvez querendo dar especial majestade a quem sempre a tivera no tirocínio da delinqüência. E êle não a desejava mais. Seu propósito era ser diferente do que era e igual aos outros. Preso, absolvido pelo júri de grave crime que lhe era imputado, está prestes a obter a liberdade definitiva. Se a sociedade o amparar em tempo, cercando-o de normas de Higiene Mental de que carece, sua estrêla de raro brilho na constelação do crime se apagará. E êle cairá na massa anônima onde queremos que tenham guarida todos os egressos de presídios.

Não há dúvida de que egressos dos presídios reincidem no crime e voltam a cumprir pena, sejam liberados condicionais, ou definitivos. Uns são quais convalescentes que recaem da moléstia; outros, como indivíduos com novos surtos da mesma doença ou com acesso de outras. Os liberados que voltam, felizmente, constituem pequeno número: em São Paulo chegam à proporção de 2% o que é bastante animador quanto à eficiência do tratamento.

Mas, êsses e os demais exaltam o dever da sociedade de, em seu próprio interesse, amparar os egressos por uma assistência

multiforme à luz das melhores normas de higiene mental, aplicando condições de ordem profilática aconselháveis, ou ministrando ensinamentos para fazer educação. Quantas vezes êstes ensinamentos são mais eficientes, porque mais extensos do que as condições de um immediatismo fugaz.

Básico, é o trabalho. O egresso, que traz o aprendizado e o treino intensivo de um ofício, precisa trabalhar. E logo. Na concessão da liberdade condicional, o M. Juiz que a decreta determina o prazo máximo de 30 dias para o início de uma ocupação honesta. O trabalho é arma de ação eficaz para tôdas as vitórias, para a saúde e para a vida e é norma de boa higiene psíquica. Porque, na frase enérgica mas justa do grande apóstolo São Paulo aos thessalonicenses, "quem não quiser trabalhar não coma" (II Tess. 3:10).

Mas, êsse trabalho para os egressos deve ser em condições de igualdade com os demais componentes do agregado. Será humilhante para êstes labutarem ao lado, ombro a ombro, com um egresso da prisão? Ai de nossos preconceitos humanos! Aqui intervêm, cuidadosa, a obra educativa, que compete também à psicohigiene fazê-lo. Educar o sentenciado para ser egresso, não só, mas o que o recebe e o ladeia, num espírito de fraternidade e de solidariedade de que os homens necessitam mas fogem. Não é possível cada um nós delinquir e tornar-se, um dia, também egresso? Como é profunda, então, a ciência do Divino Mestre, quando, na regra áurea do Sermão do Monte, ensina: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós".

Que linda coisa é a fraternidade e a solidariedade humana! E tanto mais linda, porque rara! Pois essa coisa tão simples, de estender a mão da simpatia a um egresso da prisão, facilitando-lhe o reajustamento à vida livre, é meio de profilaxia para a reincidência no crime, e tônico esplêndido para as energias mentais, com reflexo benéfico nos próprios presídios, onde outros se adestram para o mesmo destino livre.

E o trabalho em boas condições, que propicia os recursos para a manutenção do egresso e de sua família, é fator de calma, de sossego, de paz de espírito. E isto concorre para a profilaxia de tantos males psíquicos os quais a higiene mental quer evitar.

Lembrem-se novos crimes, assim obstados.

Lembrem-se os malefícios do álcool. E êste, freqüentemente, a antecâmara do crime ou da loucura, segundo tôdas as estatís-

ticas, dentre elas as do Dr. José de Moraes Melo, na Penitenciária do Estado. E o álcool não será, por vêzes, buscado para o esquecimento de um infortúnio que a solidariedade social evitaria, ou de uma decepção que a realidade da vida livre criou?

Como vêdes, interessa bem de perto à Liga de Higiene Mental o problema cruciante dos egressos dos presídios. Voltem-se para êstes, e com firmeza, o coração dos homens de sentimentos e a razão dos homens que pensam.

Por que marcar com o sinete de um estigma indelével o que delinqüiu se, arrependido e refeito, anseia pelas oportunidades de mostrar, numa nova vida de trabalho, outra compreensão das coisas? Estendam-se-lhe as mãos ambas para ampará-lo nos passos titubeantes com que reinicia outra jornada aqui fora. Ter-se-á realizado obra de proveito coletivo e de senso realístico. E também de caridade, bondade e amor.

E' de tôdas as semanas, na Penitenciária do Carandiru, a entrega de cadernetas de liberados condicionais a sentenciados que saem para cumprir, livres, o resto de sua pena. A cerimônia é simples, mas tocante e emocionante. Cheios de esperanças e de bons propósitos de uma vida honesta e de colaboração social, devem ter os corações amolecidos pelo sofrimento próprio e dos que feriram, a palpitar de mais intenso gozo pelo ensejo de reverem os lares e as famílias onde se integrarão outra vez, depois dos estragos dolorosos de tempestades violentas e desoladoras. Eu figuro, na imaginação, o que será a alegria dos seus entes queridos, recebendo, de novo, a assistência e a energia dos chefes que um hiato tão triste immobilizou. Indo então mais longe com o pensamento, lembro-me daquela consoladora parábola de Jesus, que Lucas, o evangelista médico, relata, e intitulada a parábola da ovelha perdida. Um homem tinha cem ovelhas. Perdendo uma delas, deixa as 99 no deserto e vai em busca da que se extraviou. E achando-a, põe-na sôbre os ombros e, contente, volta para casa e convoca os amigos para que também se rejubilem. Assim é no céu, conclui o Divino Autor da parábola, onde haverá maior alegria por um pecador que se arrependa do que por 99 justos que não necessitam de arrependimento.

E quando êsse homem arrependido, plasmado em fortaleza mental, se adapte no caminho do bem, que hinos de louvor para os que lhe reestruturam a fibra e a mantêm nesse diapasão de excelência!

A Higiene Mental, pelos vários recursos de que se serve, é hoje colaboradora indispensável na adequação ambiente dos egressos dos presídios.

Aplausos, pois, para ela, essa Ciência de nosso trato, meus ilustres colegas.

E no ensejo esplêndido em que a Liga Paulista de Higiene Mental, sob a direção segura do Presidente ora empossado, se apresta para desempenhar a multiforme e valiosa missão que lhe cabe, permiti que registre o meu desejo de que ela possa auxiliar sempre a reestruturação condigna dos que, havendo delinqüido e recebido o necessário tratamento nos reformatórios, voltam a vida livre ansiosos por não mais cairem.

